

Empresas já traçam estratégia

por Cláudia Izique
do Rio

Grandes empresas nacionais e multinacionais procuram antecipar-se aos resultados das eleições presidenciais, para definir planos estratégicos e orientar investimentos. O recurso é a construção de pelo menos dois cenários que delineiem as tendências e articulações de governo dos candidatos com probabilidade de vitória. O perfil do candidato, prováveis alianças, política interna e externa, a tendência das relações com os diversos setores da produção poderão dar um prognóstico de go-

verno, pelo menos no próximo ano.

Grandes grupos empresariais estão informados pela Goes, Piquet e Lobo — Consultores Associados de que as características do eleitorado e a crise que marca o processo sucessório reduzem as chances de vitória dos candidatos do PMDB, do PSDB e do PFL. Os cenários devem ser armados considerando a possibilidade de vitória de Leonel Brizola (PDT), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jânio Quadros (PSD) e Fernando Collor de Mello (PRN).

Um documento com informações preliminares sobre um eventual governo de Leonel Brizola já circula entre os clientes da Goes, Piquet e Lobo, que também prepara análise semelhante para os candidatos do PDC, do PT e posteriormente do PRN. "Aguardamos a formação das alianças de Collor de Mello", diz Walder de Goes, sócio da empresa.

O cenário de um eventual governo de Leonel Brizola é marcado por um tratamento da dívida externa em que fica praticamente excluída qualquer possibilidade de moratória. Brizola enfrentaria a dívida interna provavelmente penalizando grandes fortunas e os ganhos de capital. A nacionalização dos bancos estrangeiros ou a estatização do sistema financeiro são hipóteses praticamente afastadas.

A reforma da máquina estatal e sua subordinação às prioridades de governo integram o cenário. A tendência é de abertura da economia ao exterior e privatização, sempre sob rígido controle estatal. O Estado, com Brizola, deverá orientar investimentos para obras de infra-estrutura e de cunho social, aumentando impostos para as camadas de alta renda, notadamente aquelas vinculadas ao sistema financeiro.

Na política externa, Brizola privilegiaria relações com aliados da Europa e da América Latina. Estimularia o cooperativismo rural e a colonização de áreas despovoadas, sem realizar

uma reforma agrária numa perspectiva mais à esquerda.

O cenário está armado, a partir de um personagem qualificado como um político instintivo, empírico e personalista — e seus aliados.

E também pela sedução que Brizola tem pelo "modelo australiano", mas a eficácia do primeiro ano de governo é fundamental para a construção desse cenário.

O grande desafio de um eventual governo Brizola começa nos primeiros nove meses de governo, quando ele deverá buscar apoios políticos e tentar obter maioria no Congresso,

além de tentar entendimentos também com os governos estaduais, fortalecidos com a nova Constituição.

O combate à corrupção, a reforma do Estado e uma aproximação junto às elites, na tentativa de buscar consenso para questões básicas, são a principal pauta de um projeto político de emergência do primeiro ano de governo. No plano econômico, todos os esforços são para conter a inflação.

A análise sugere que um fracasso das estratégias políticas e de alianças poderão levar à intervenção militar ou ao parlamentarismo.